



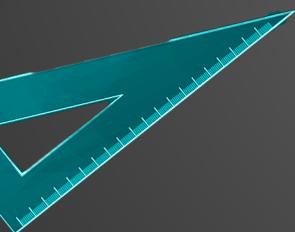
Atena
Editora
Ano 2020

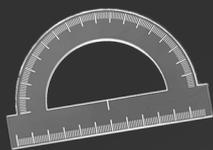


AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)





Atena
Editora

Ano 2020

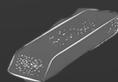
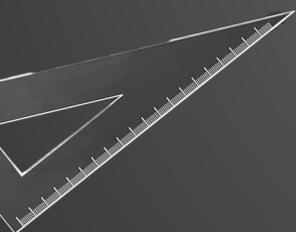


AS FACES DA EDUCAÇÃO:

DIALOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Otainan da Silva Matos... [et al.].

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB¹, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

¹ Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381 acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

REFERENCIA

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, **“As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar”**, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr^a. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr^a Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr^a Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr^a Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr^a Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr^a Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr^a Lívia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr^a Lívia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar às práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otainan da Silva Matos Kátia Regina Santos Casto José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.4602002091	
CAPÍTULO 2	12
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa Rosiara Costa Soares Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002092	
CAPÍTULO 3	25
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira Rakell Ainy Freitas Luz Marize Barros Rocha Aranha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002093	
CAPÍTULO 4	40
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira Luanda Martins Campos Antonio de Assis Cruz Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002094	
CAPÍTULO 5	51
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos Mirian Ferreira da Silva Boguea Viviane Moura da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002095	
CAPÍTULO 6	63
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves Raimundo Nonato Assunção Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4602002096	
CAPÍTULO 7	73
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002097	

CAPÍTULO 8 85

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO

Andréia Vaz Cunha de Sousa
Érica Patrícia Marques de Araújo
Samuel Luis Velázquez Castellanos

DOI 10.22533/at.ed.4602002098

CAPÍTULO 9 97

IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS

Rachel Bonfim da Silva
Sirlene Mota Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.4602002099

CAPÍTULO 10 107

CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Rosylene Conceição Soares Cutrim
Sirlene Mota Pinheiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.46020020910

CAPÍTULO 11 122

A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA

Daulinda Santos Muniz
Elisa Maria dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.46020020911

CAPÍTULO 12 130

DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Yuri Barros Lobo da Silva
Jucileide Melonio Pereira
Maria José Albuquerque Santos

DOI 10.22533/at.ed.46020020912

CAPÍTULO 13 144

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ginia Kênia Machado Maia
Cleomar Lima Pereira
Lívia da Conceição Costa Zaqueu

DOI 10.22533/at.ed.46020020913

CAPÍTULO 14 155

OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE

Raimundo Nonato Assunção Viana
Érica da Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.46020020914

CAPÍTULO 15 163

ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maíra Carla Moreira Aragão

João Batista Bottentuit Junior

DOI 10.22533/at.ed.46020020915

CAPÍTULO 16 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Livia da Conceição Costa Zaquero

DOI 10.22533/at.ed.46020020916

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Data de aceite: 05/07/2020

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Mestranda do PPGEEB. E-mail: linoca.fraza@hotmail.com

Livia da Conceição Costa Zaqueu

Doutora em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente do PPGEEB. E-mail: conceicaozaqueu@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo levantar literatura e produção de conhecimento sobre a Tecnologia Assistiva para estudantes com Deficiência Visual, com base nos últimos seis anos, de 2013 a 2019 a partir de pesquisas envolvendo o ensino a partir da Tecnologia Assistiva. Escolheu-se tal recorte de maneira a dar uma visibilidade mais atual sobre o tema e verificar o que a produção pós-década de 1990, marco dos discursos sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola comum diz sobre o objeto em questão. A busca foi realizada a partir dos bancos de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foram selecionados 20 trabalhos dos 158 trabalhos pesquisados, em virtude de discutirem os aspectos

relacionados à formação de professores e o ensino e aprendizagem dos alunos através da Tecnologia Assistiva. Com este estudo, detectamos que a maior ênfase desses trabalhos recai na apresentação do significado e no desconhecimento dos professores com relação à Tecnologia Assistiva e percebe-se que a discussão sobre a introdução de novas metodologias de ensino através da Tecnologia Assistiva ainda é significativamente escassa, caracterizando um solo fértil para realização de novas pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Assistiva. Deficiência Visual. Estudantes. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Percebemos um discurso recente sobre a Educação Inclusiva que se tornou diretriz para a Educação Especial recentemente no Brasil. Até os anos iniciais da década de 2000, os encaminhamentos do governo federal para a inserção incondicional de estudantes público-alvo da Educação Especial em salas de aula, junto aos demais alunos, mantinham certa ambiguidade, como podemos ilustrar com o exemplo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a educação deveria ser oferecida,

preferencialmente, na rede regular de ensino, mas se as condições do estudante não permitissem a sua integração nas classes comuns, poderiam ser criadas classes ou escolas especiais (BRASIL, 2018, p. 131).

A inclusão foi se fortalecendo no decorrer da década mencionada e, em 2008, com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, documento orientador das diretrizes nacionais, elaborado por um grupo de trabalho composto por especialistas e pela equipe da, então, Secretaria de Educação Especial (SEESP), a Educação Especial assume caráter complementar ou suplementar, e não mais substitutivo, ao ensino comum (BRASIL, 2007, p. 38). A inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas, no contexto escolar regular, é uma realidade no Brasil, mas para que ocorra uma inclusão que atenda as diferentes necessidades dos envolvidos é preciso participação ativa dos agentes da escola e conhecimento a respeito desse assunto. A falta de formação dos professores, salas com grande número de alunos e a ausência de materiais e de profissionais especializados são alguns dos entraves encontrados. (MENDES, 2014, p.23)

Levando em consideração o destaque do processo mundial de inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas, em escolas regulares, esse trabalho busca pelo estado da arte da produção acadêmica relacionada à Tecnologia Assistiva para estudantes com deficiência visual com a intenção de compreender concepções, direções e aspectos das pesquisas, bem como indicar, frente a tal compreensão, possibilidades para novas pesquisas que possibilitem o ingresso de novas metodologias de ensino através da Tecnologia Assistiva. A escolha pelo tema se faz pela verificação da necessidade de realizar estudos a respeito do processo de inclusão de estudantes com deficiência visual nas salas de aulas regulares, bem como de compreender como as produções em Tecnologia Assistiva estão possibilitando novas formas de inserção social e educacional aos estudantes com deficiência visual. O objetivo do trabalho é observar, analisar, destacar e revelar diversos enfoques da produção acadêmica, em dissertações de mestrado acadêmico e profissional, relacionados à Tecnologia Assistiva para estudantes com deficiência visual, no período de 2013 a 2019, através de busca realizada a partir dos bancos de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), para assim responder às seguintes questões: O que foi produzido no Brasil, em seis anos, em dissertações de mestrado a respeito do tema Tecnologia Assistiva para estudantes com Deficiência Visual? De forma a Tecnologia Assistiva pode ser incorporada como metodologia do ensino para estudantes com Deficiência Visual assim contribuindo com o processo de aprendizagem na sala de aula?

Esse recorte justifica-se por se reconhecer que as pessoas com necessidades educacionais específicas, sujeitos da Educação Especial, historicamente, estiveram à margem do acesso aos direitos sociais, em particular do direito à educação. Além disso, tal temática é alvo de nossos interesses em estudos e pesquisas, ressaltando-se a

incorporação de novas metodologias do ensino e formação de professores, consideradas elementos primordiais na implementação de políticas voltadas para a inclusão escolar.

Frente às considerações, discutimos e analisamos as diversas produções científicas sobre a Tecnologia Assistiva para estudantes com deficiência visual, reconhecendo as dificuldades existentes para a implementação da Tecnologia Assistiva e a necessidade de preparação dos docentes, esperamos trazer possíveis contribuições para que se desenvolvam outras pesquisas referentes a esta temática.

O estudante com deficiência visual e a tecnologia assistiva

O estudante com Deficiência Visual é um aluno que possui um comprometimento parcial (de 40 a 60%) ou total da visão. Não são deficientes visuais pessoas com doenças como miopia, astigmatismo ou hipermetropia, que podem ser corrigidas com o uso de lentes ou em cirurgias. (AMPUDIA, 2018, p 42). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017, p. 56) caracterizou os diferentes graus de Deficiência Visual que podem ser classificados em baixa visão (leve, moderada ou profunda) que pode ser compensada com o uso de lentes de aumento, lupas, telescópios, com o auxílio de bengalas e de treinamentos de orientação; Próximo à cegueira que é quando a pessoa ainda é capaz de distinguir luz e sombra, mas já emprega o sistema braille para ler e escrever utiliza recursos de voz para acessar programas de computador, locomove-se com a bengala e precisa de treinamentos de orientação e de mobilidade e a cegueira que é quando não existe qualquer percepção de luz, o sistema braile, a bengala e os treinamentos de orientação e de mobilidade, nesse caso, são fundamentais.

A décima revisão da Classificação Estatística Internacional das Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID-10), considera-se baixa visão o valor da acuidade visual corrigido no olho de melhor visão sendo $< 0,3$ e $\geq 0,05$ ou seu o campo visual $< 20^\circ$ no olho de melhor visão com a melhor correção. (OMS, 2017, p.57). É importante salientar que três princípios e fundamentos são imprescindíveis no trabalho escolar com estudantes com Deficiência Visual o respeito às características perceptuais e de integração sensorial, a integração das ações na vida do aluno e o respeito ao nível de funcionamento visual. (MARQUES; MENDES, 2014, p. 21). O estudante com Deficiência Visual tem direito a usar materiais adaptados, como livros didáticos transcritos para o braille, soroban, a reglete e punção para escrever durante as aulas ou uso de máquina Perkins. (BRASIL, 2007, p. 49). A alfabetização em braille das crianças com cegueira total ou graus severos de Deficiência Visual é simultânea ao processo de alfabetização das demais crianças na escola, mas com o suporte essencial do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (AMPUDIA, 2018, p.67).

Para os alunos com deficiência visual é imprescindível o acréscimo das complementações curriculares específicas em que são propostos os acréscimos de áreas/ conteúdos denominados: Orientação e Mobilidade, Atividades da Vida Diária, Escrita Cursiva, Soroban, Estimulação Visual (BRASIL, 2007, p. 43).

Vale lembrar que, de acordo com o Decreto 6.571, de 17 de setembro de 2008, o Estado tem o dever de oferecer apoio técnico e financeiro para que o atendimento especializado esteja presente em toda a rede pública de ensino. Mas cabem ao gestor da escola e às Secretarias de Educação a administração e o requerimento dos recursos para essa finalidade (BRASIL, 2008, p. 25). A Tecnologia Assistiva (TA) para estudantes com deficiência visual podem ser grandes aliadas na busca da superação de limitações. Cada pessoa deficiente possui uma condição da própria deficiência, e a partir dela a pessoa poderá se encaixar em algum método que o auxilie melhor. Podemos registrar inúmeras tentativas, em diferentes países, no sentido de encontrar um meio que proporcionasse às pessoas cegas condições de ler e escrever.

O mais conhecido e utilizado meio inserção no processo de leitura e escrita das pessoas cegas é o sistema Braille. O sistema Braille é um processo de escrita e leitura baseado em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada. Pode-se fazer a representação tanto de letras, como algarismos e sinais de pontuação. Ele é utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão, e a leitura é feita da esquerda para a direita, ao toque de uma ou duas mãos ao mesmo tempo, pode-se fazer a representação do Braille para a língua portuguesa, a matemática, química, informática e musicografia (COSTA, 2009, p. 121).

Podemos dizer que o sistema Braille foi o primeiro avanço na vida dos cegos. A partir deste recurso houve um grande salto na educação e inclusão destas pessoas, mas por outro lado, restringiu a comunicação somente entre pessoas cegas, visto que na grande maioria dos casos, nem a família, nem os professores que o cego encontra ao decorrer da vida escolar, não sabem o Braille nem estão preparados para trabalhar com os recursos necessários para a comunicação escrita. A Tecnologia Assistiva (TA) é um termo novo, pouco usado, utilizado para identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover Vida Independente e Inclusão (BERSH; TONOLLI, 2015, p.55). Sasaki (2015, p.139) propôs o termo Tecnologia Assistiva, a palavra assistiva não existe, ainda, nos dicionários da língua portuguesa e significa alguma coisa “que assiste, ajuda, auxilia”.

Urge, portanto, que haja certa uniformidade na terminologia adotada, por exemplo, com referência à confecção/fabricação de ajudas técnicas e à prestação de serviços de intervenção tecnológica junto a pessoas com deficiência (SASSAKI, 2015, p.143).

A importância das classificações no âmbito da Tecnologia Assistiva se dá pela promoção da organização desta área de conhecimento e servirá ao estudo, pesquisa, desenvolvimento, promoção de políticas públicas, organização de serviços, catalogação e formação de banco de dados para identificação dos recursos mais apropriados ao atendimento de uma necessidade funcional do usuário final (BERSH, 2017, p. 24). Bersh (2017, p. 18) afirma que é fundamental usar o termo Tecnologia Assistiva no singular

e é incorreto usar o termo no plural, pois o termo está se referindo a um conjunto de equipamentos, serviços ou procedimentos devemos, para especificar, utilizar as expressões: recursos de Tecnologia Assistiva, serviços de Tecnologia Assistiva, procedimentos de Tecnologia Assistiva, respectivamente.

Assim surgem os recursos de Tecnologia Assistiva usados no desenvolvimento escolar de estudantes com Deficiência Visual, dessa forma o uso do computador complementa e auxilia os professores e é de suma importância, temos hoje alguns softwares que auxiliam as atividades escolares assim como alguns aplicativos de celulares que podem ser incorporados à sala de aula se utilizados como metodologia do ensino das diferentes disciplinas.

Os leitores de telas são recursos que vem facilitando também a vida dos deficientes visuais a exemplo do Jaws, Virtual Vision e NVDA, os deficientes visuais utilizam a tecnologia para síntese de voz, com eles realizam leituras de textos de diferentes naturezas (BORGES, 2017, p. 29). Alguns softwares tem se tornado elementares no ensino dos estudantes com Deficiência Visual como é o caso do Braille falado, do Mecdaisy, do Braille Fácil e do BrainPort (RINCKER, 2010, p. 3). Outros recursos de Tecnologia Assistiva também foram criados atualmente visando melhorar a qualidade de vida, inclusão social e educacional das pessoas com deficiência visual que são os Aplicativos para Android e iPhone como por exemplo, o Blindtoll, o Be my eyes, o Color ID, o Ibrailer notes, o Ubook e o CPqD alcance que são aplicativos com inúmeras funcionalidades e que posteriormente podem ser utilizados e incorporados como novas metodologias de ensino em diferentes áreas do conhecimento.

ESTADO DA ARTE DA TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A pesquisa do tipo Estado da Arte é caracterizada como de natureza documental-bibliográfica. Ferreira (2002, p. 45) caracteriza como uma pesquisa de caráter bibliográfico, que propõe mapear e discutir produções acadêmicas em algum campo de conhecimento, na tentativa de achar resposta sobre os aspectos e dimensões que vêm ganhando destaque em determinado período e lugar. Esse tipo de pesquisa também é reconhecido por utilizar procedimentos inventariantes e descritivos sobre um tema em estudo, por meio de análises de dissertações/teses, publicações em periódicos e/ou comunicações em anais de eventos.

As pesquisas do “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, por vezes, são motivadas por questionamentos do tipo: o que está sendo produzido em determinada área do conhecimento? Quais são os assuntos mais abordados? Qual assunto não vem ganhando destaque na produção acadêmica? Para responder tais questões é necessário,

além de buscar documentos relativos à área de interesse, responder e compreender o “quando”, “onde”, “quem”, “o que” e “como” da produção acadêmica. As pesquisas do estado da arte auxiliam na compreensão da produção acadêmica e podem contribuir para indicar caminhos para mudanças e inovações na prática, ou então, contribuições para pesquisas futuras.

Na realização deste trabalho, inicialmente, ocorreu uma procura por dissertações e teses no banco de teses da Capes. Foram encontrados 158 documentos relacionados ao tema e por existir a intenção de localizar mais produções e, assim, realizar um trabalho mais fiel ao registro do estado da arte da área de interesse, utilizou-se uma ferramenta de busca frequentemente empregada, o Google Acadêmico, sendo as dissertações e teses buscadas nas cem primeiras páginas. Em síntese, foram realizadas as seguintes etapas que constituíram o caminho metodológico:

- Leitura dos títulos e resumos dos artigos publicados na plataforma CAPES nos últimos cinco anos, identificando os trabalhos referentes a temática;
- Consulta e seleção dos trabalhos sobre a Tecnologia Assistiva para Deficientes Visuais, nos anos de 2013 a 2019, por meio da identificação dessas temáticas nos títulos, objetivos, resumo e/ou palavras-chave;
- Leitura na íntegra dos trabalhos selecionados;
- Análise dos dados por meio da técnica da análise de conteúdo, organizando e sistematizando os achados da pesquisa. A seleção dos trabalhos foi feita a partir de três critérios: o primeiro foi pelo título, o segundo palavras-chave e o terceiro por meio da leitura dos resumos. Depois dessa seleção, como mencionado, foi realizada a leitura na íntegra dos trabalhos, identificando os autores, as universidades, a abordagem teórica utilizada para a produção dos trabalhos, os sujeitos de pesquisa, os objetivos e principais resultados.

Em um primeiro momento foram agrupadas as pesquisas por dissertações e teses de acordo com a temática sobre Tecnologia Assistiva para estudantes com Deficiência Visual, em busca de averiguar a definição do Termo Tecnologia Assistiva, como está sendo trabalhada no campo da educação como forma de inclusão de alunos com deficiência visual e como estas estão sendo utilizadas como metodologia do ensino, como se observa no quadro que seguirá abaixo. Foram agrupadas 10 dissertações e teses, que mais se aproximavam a este objetivo proposto, realizou-se a organização e categorização dos mesmos.

Título e Ano	Autor(es) e Instituição	Objetivo	Principais Resultados	Palavras-chave
<p>Tecnologia Assistiva para alunos com Baixa Visão nas escolas estaduais de São Luís: utilização na classe comum e na sala de recurso multifuncional.</p> <p>(2015)</p>	<p>Elayne Crystyna Pereira Borges Gomes</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO</p>	<p>A presente pesquisa tem por objetivo investigar como a Tecnologia Assistiva está sendo utilizada pelos professores no atendimento educacional de alunos com baixa visão na classe comum e na sala de recurso multifuncional nas escolas estaduais de São Luís.</p>	<p>Os resultados dessa análise revelaram que os participantes possuem pouco entendimento do conceito de Tecnologia Assistiva e utilizam a fonte ampliada como principal recurso para o processo de ensino-aprendizagem do aluno com baixa visão. As dificuldades encontradas pelos entrevistados na utilização da Tecnologia Assistiva no processo de ensino-aprendizagem de alunos com baixa visão incluem a falta de recursos; suporte; falta de tempo; falta de formação adequada dos professores, entre outras.</p>	<p>Educação Especial. Tecnologia Assistiva. Baixa visão.</p>
<p>Educação inclusiva: tecnologias assistivas como apoio à humanização de relações de ensino-aprendizagem com crianças deficientes - leitura de uma escola pública de Uberaba (MG)</p> <p>(2016)</p>	<p>Aparecida Rosário Oliveira Silva</p> <p>INSTITUTO FED. DE EDUC., CIÊNC. E TECN. D O TRIÂNGULO MINEIRO</p>	<p>O objetivo principal da pesquisa é verificar o teor de contribuição das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para melhorar a aprendizagem, tendo em vista possibilitar a ressignificação das práticas pedagógicas e o papel do professor.</p>	<p>Observou-se as contribuições para uma flexibilização dos espaços e tempos da aprendizagem, com melhoria e aprofundamentos de conhecimento, de alunos e professores, diversificando, ampliando e atualizando, assim, novas possibilidades pedagógicas do aprender e ensinar a partir da mediação com tais ferramentas, no campo virtual.</p>	<p>Tecnologia Assistiva. Educação. Inclusão. Ensino</p>
<p>O Acesso midiático dos deficientes visuais na era das Tecnologias digitais</p> <p>(2016)</p>	<p>Valdeci Ribeiro da Gama</p> <p>UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI</p>	<p>Investigar e refletir a relação existente entre as tecnologias audiovisuais e o deficiente visual, bem como as possíveis transformações e mudanças decorrentes do despontar das tecnologias digitais contemporâneas destinadas ao deficiente visual.</p>	<p>Os resultados alcançados a partir desse arcabouço demonstraram os avanços e ganhos tecnológicos que possibilitam ao deficiente visual participar de forma igualitária em um mundo midiático e digital. A pesquisa identificou ainda, as mudanças, transformações, sociabilidade e interatividade midiática ocorridas com o surgimento da cultura tecnológica digital com diferentes ferramentas disponível para o acesso do deficiente visual.</p>	<p>Audiovisual. Deficiente visual. Tecnologia digital. Mediações digitais.</p>

<p>Análise da Inclusão das crianças cegas na educação regular: Um olhar para a Tecnologia Assistiva (2016)</p>	<p>Paulo Fernando Kuss UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ</p>	<p>Identificar formas de como as tecnologias assistivas auxiliam o aluno deficiente visual em seu processo de inclusão no ensino regular.</p>	<p>Com este estudo, detectamos que alguns desses obstáculos: entender conceitos abstratos (como cores), a forma de utilização da máquina de escrever Braille, materiais sem adaptação ou transcrição. Embora exista todo um conjunto de políticas e dispositivos que são pensados em favorecer o processo de inclusão, existe uma rede de falhas que vão desde a aplicação de políticas públicas de inclusão, falhas na gestão de recursos inclusivos, falta de capacitação docente e a falta de disponibilidade de aceitar desafios.</p>	<p>Deficiência Visual; Alunos Cegos. Inclusão Escolar. Ensino Regular. Tecnologia Assistiva.</p>
<p>Tecnologia Assistiva no processo de inclusão da pessoa com deficiência na rede pública de ensino (2013)</p>	<p>Leda Maria Borges da Cunha Rodrigues UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (BAURU)</p>	<p>Investigar o conhecimento de professores da rede municipal e estadual quanto à Tecnologia Assistiva (TA), considerando: (1) concepção e atitudes do professor em relação à TA e à inclusão da pessoa com deficiência, (2) quais recursos estão disponíveis ou faltam nas escolas onde estes atuam, (3) se os professores conhecem e/ou sabem manusear tais recursos, (4) se conhecem e/ou sabem manusear os softwares especiais apresentados na pesquisa.</p>	<p>Os resultados da pesquisa apontaram para a carência da TA nas escolas e para a falta de conhecimento do educador em relação aos recursos. Dos professores participantes, 92% acreditam que a TA é importante no processo de inclusão; 99% apontaram a necessidade de formação continuada sobre o tema para que possam atuar nesta nova perspectiva; e, 96% indicaram o apoio de equipe multidisciplinar aos professores do ensino comum.</p>	<p>Tecnologia Assistiva. Inclusão. Formação de Professores</p>

<p>O impacto dos Recursos de Tecnologia Assistiva na Educação e Inclusão da Pessoa com Deficiência Visual (2015)</p>	<p>Ricardo Augusto Lins do Nascimento UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS</p>	<p>Investigar o impacto da tecnologia assistiva na educação e inclusão de pessoas com deficiência visual. Os objetivos específicos foram: identificar os recursos de tecnologia assistiva utilizados pelas pessoas com deficiência visual e a funcionalidade dos mesmos; analisar as vantagens e desvantagens dos recursos mais utilizados; elaborar estratégias de adaptação/ adequação em conjunto com os usuários.</p>	<p>Os resultados indicam que os recursos mais utilizados pelos entrevistados foram: o Dosvox, sistema computacional funcional que centraliza aplicativos, desprezando as características visuais dos sistemas; o leitor de tela NVDA foi o mais recomendado por ser gratuito e por estar em constante desenvolvimento. Foram identificadas funcionalidades, vantagens e desvantagens de outros recursos, incluindo sugestões de melhoria, principalmente em relação ao MecDaisy.</p>	<p>Deficiência visual; Tecnologia Assistiva; Inclusão Escolar.</p>
<p>Inovações na Tecnologia Assistiva (2017)</p>	<p>Leonardo Dantas Rebouças da Silva UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE</p>	<p>O objetivo deste projeto foi desenvolver Tecnologias Assistivas que aumentassem as capacidades funcionais, melhorassem a qualidade de vida e promovessem inclusão social de pessoas com alguma deficiência.</p>	<p>Ao final obteve-se recursos que serão destinados de forma direta para a população e que servirão de matéria prima para a produção científica futura.</p>	<p>Tecnologia Assistiva, Ajudas técnicas, Dispositivos, inovação tecnológica, deficientes físicos</p>

<p>Ensino de ciências em uma perspectiva inclusiva: utilização de tecnologia assistiva com alunos com deficiência visual</p> <p>(2014)</p>	<p>Tatiane Santos Silva</p> <p>FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE</p>	<p>Investigar as condições de aprendizagem que estão sendo oferecidas para alunos com deficiência visual na disciplina Ciências em uma escola considerada como referência na inclusão de alunos cegos e com baixa visão na cidade de Aracaju-SE. E descobrir qual o posicionamento de alunos cegos e seus professores de Ciências a respeito da utilização de recursos didáticos táteis e auditivos no ensino de Ciências na escola pesquisada.</p>	<p>Pode-se perceber com esta pesquisa, a partir das falas dos participantes, que as condições de aprendizagem da disciplina Ciências, dos alunos com deficiência visual incluídos nesta escola, estão caminhando sobre o fio da navalha. Pois, de um lado encontram-se as professoras entrevistadas, que não possuem qualquer formação inicial ou continuada a respeito da inclusão escolar da pessoa com deficiência. Do outro lado, os alunos com deficiência visual, que se limitam a “ouvir” as aulas de ciências, pois não são utilizadas tecnologias assistivas que proporcionem o acesso a elementos estritamente visuais no ensino de ciências.</p>	<p>Recursos didáticos;deficiência visual;ensino de ciências</p>
<p>O Papel do Instrutor mediador e o impacto da Tecnologia Assistiva frente a inclusão de alunos com surdocegueira</p> <p>(2015)</p>	<p>Carolina Guerreiro Leme</p> <p>UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ</p>	<p>Compreender o papel do instrutor mediador e o impacto da Tecnologia Assistiva frente à inclusão de alunos com surdocegueira no espaço de ensino regular.</p>	<p>Percebe-se a relevância da formação dos professores na ação, no contato com o aluno surdocego e o instrutor mediador, bem como o entendimento da Tecnologia Assistiva como elemento chave para a efetividade do processo de ensino e aprendizagem.</p>	<p>Educação Inclusiva. Surdocegueira. Formação Docente. Instrutor</p>
<p>Para todos verem por palavras: Elaboração de Tecnologia Assistiva e Banco de dados de objetos digitais de audiodescrição segundo o princípio do desenho universal (BOCA-REP)</p> <p>(2017)</p>	<p>Emerson Brandão da Silva</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS</p>	<p>Desenvolver tecnologia digital e social para difundir, de forma gratuita, a prática da utilização dos conceitos e princípios do desenho universal, cujos produtos devem ser acessíveis a todas as pessoas, com deficiência ou não.</p>	<p>A dissertação propôs, por meio de redes colaborativas elaborar um protótipo de banco de dados de produção e colaboração de audiodescrição, multiplicar essa capacidade de produção por meio de processos e matéria pedagógicos e disponibilizar gratuitamente os conteúdos produzidos em um banco de dados por meio de um portal (BOCA-web) e de um App para Smartphones(BOCA-app).</p>	<p>Desenho universal;Tecnologia assistiva;Deficiência visual.</p>

<p>O uso de tecnologia assistiva para a inclusão do aluno com deficiência visual: um estudo de caso no município de queimados</p> <p>(2015)</p>	<p>Angélica Ferreira Beta Monteiro</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE</p>	<p>Analisar as políticas e os processos de inclusão dirigidos aos alunos cegos e com baixa visão no município de Queimados, tendo como referenciais fundamentais o uso dos recursos de tecnologia assistiva e a formação do professor.</p>	<p>Os resultados obtidos nos apontaram que apenas garantir a presença da pessoa com deficiência no espaço escolar não significa participação efetiva, é preciso mudar conceitos e atitudes no que se refere ao atendimento às necessidades dos alunos. Neste sentido, elaboramos o curso “Saberes e Práticas sobre a Deficiência Visual”, que será o produto final do curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.</p>	<p>Inclusão, Deficiência Visual, Tecnologia Assistiva Formação Continuada de Professores</p>
<p>As Tecnologias Assistivas na Inclusão de Alunos com Deficiência Visual e Baixa Visão no Ensino Fundamental</p> <p>(2016)</p>	<p>Ginez Garcia</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO</p>	<p>Compreender a utilização dos produtos de tecnologia assistiva nas práticas pedagógicas dos professores das salas de recursos multifuncionais do ensino fundamental de alunos com deficiência visual e baixa visão do município de Itapevi, São Paulo.</p>	<p>Os resultados indicaram que o produtos de tecnologia assistiva, fornecidos pelo poder público, mais utilizado nas salas de recursos multifuncionais para alunos com deficiência visual e baixa visão foram os programas de computador leitores de tela (Dos Vox e NVDA) e dentre os confeccionados artesanalmente pelos professores foi o alfabeto braile. É importante ressaltar que mais da metade das respostas mostrou que há recursos de tecnologia assistiva suficientes nas salas de recurso multifuncionais. Contraditoriamente, os professores relataram como dificuldade à falta de recursos sofisticados e o treinamento para a utilização apropriada dos mesmos.</p>	<p>Tecnologia Assistiva;Deficiência Visual;Baixa Visão;Educação Inclusiva;Atendimento Educacional Especializado;Salas de Recursos Multifuncionais</p>
<p>Tecnologia Assistiva para o ensino da matemática aos alunos cegos: o caso do centro de apoio pedagógico para atendimento às pessoas com deficiência visual</p> <p>(2013)</p>	<p>Renata Beatriz De Souza Prado</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE</p>	<p>Compreender os limites e as possibilidades das Tecnologias Assistivas no processo de ensino da Matemática para alunos com cegueira tendo como campo empírico o Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual (CAP) do Estado de Sergipe.</p>	<p>Os resultados demonstram até que ponto as Tecnologias Assistivas auxiliam no ensino da Matemática em alunos cegos do CAP, evidenciando que as TA's adotadas na Estimulação Precoce e Alfabetização Braille colaboram no desenvolvimento e na formação dos conhecimentos matemáticos dos alunos. No entanto, as Tecnologias Assistivas adotadas no Soroban e Informática ficam a desejar, principalmente para os conteúdos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental e até o Ensino Médio.</p>	<p>Deficiência Visual. Ensino de Matemática. Tecnologias Assistivas.</p>

<p>O uso da tecnologia educacional e da tecnologia assistiva na escolarização de estudantes com deficiência no município de Corumbá (MS)</p> <p>(2017)</p>	<p>Ana Paula Neves Rodrigues</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>	<p>O objetivo geral da pesquisa foi investigar e analisar o uso da tecnologia educacional e da tecnologia assistiva (TA) na escolarização de estudantes com deficiência no município de Corumbá (MS).</p>	<p>Os resultados evidenciaram como o município de Corumbá vem se organizando quanto ao uso da tecnologia educacional e da tecnologia assistiva na escolarização de estudantes com deficiência. Revelaram-se alguns avanços alcançados e apontaram-se dificuldades ainda existentes. Concluiu-se que há necessidade de maior investimento na formação continuada dos docentes das escolas municipais de Corumbá quanto ao uso de recursos de tecnologia assistiva e de tecnologia educacional, bem como da ampliação da disponibilidade desses recursos por parte do poder público municipal para o atendimento dos estudantes com e sem deficiência.</p>	<p>tecnologia educacional; tecnologia assistiva, sala de recursos multifuncionais; acessibilidade; inclusão</p>
<p>Tecnologia Assistiva e inclusão educacional de alunos com deficiência visual no ensino superior: A atuação do núcleo de acessibilidade da UFMA</p> <p>(2018)</p>	<p>Andreia Fonseca Teixeira</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO</p>	<p>O presente estudo teve como objetivo investigar como o Núcleo de Acessibilidade da UFMA (NUACE-UFMA) operacionaliza o uso de Tecnologia Assistiva em relação à inclusão de pessoas com deficiência visual</p>	<p>Constatou-se um grande esforço do Núcleo de Acessibilidade em atender às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência visual, inclusive com a disponibilização de recursos e serviços de Tecnologia Assistiva para esse público. Entretanto, alguns fatores dificultam uma melhor atuação do NUACE no atendimento desses alunos, tais como: a carência de equipamentos de Tecnologia Assistiva, espaço físico inadequado e a insuficiência do quadro de profissionais especializados. Ainda assim, os resultados permitiram concluir que o Núcleo de Acessibilidade da UFMA, através da oferta de recursos e serviços de Tecnologia Assistiva e outros serviços de apoio, é fundamental para a promoção da inclusão educacional do aluno com deficiência visual na educação superior.</p>	<p>Tecnologia Assistiva. Inclusão educacional. Deficiência visual. Educação Superior. Núcleo de Acessibilidade.</p>

Quadro 1 – Principais informações das produções selecionadas no Portal de Periódicos – Capes
 Fonte: Organização pela autora a partir de dados disponíveis em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. (2020).

Esse processo foi orientado pela leitura dos resumos, pela identificação dos objetivos apresentados, pelos resultados da pesquisa e pelas palavras chave. Observamos que em algumas produções referidas acima apontam que ainda há pouco entendimento sobre o termo Tecnologia Assistiva, desconhecimento da Tecnologia Assistiva, a carência de recursos de Tecnologia Assistiva e a falta de capacitação docente, assim como a escassez o uso da Tecnologia Assistiva como metodologia do ensino nas diferentes áreas

do conhecimento, no qual encontramos algumas aproximações, no entanto, nenhuma pesquisa relacionada a essa temática específica. Com isso percebe-se que estudos e pesquisas nessa área ainda são escassos. Tal escassez pode ser atribuída ao fato de que o termo Tecnologia Assistiva é um termo novo recente e ainda pouco usado nas pesquisas. Bersh (2017, p. 18) afirma que é fundamental usar o termo Tecnologia Assistiva no singular e é incorreto usar o termo no plural, pois o termo está se referindo a um conjunto de equipamentos, serviços ou procedimentos devemos, para especificar, utilizar as expressões: recursos de Tecnologia Assistiva, serviços de Tecnologia Assistiva, procedimentos de Tecnologia Assistiva, respectivamente.

Como resultado do levantamento das produções acadêmicas relacionadas à temática, elaboramos dois gráficos. O primeiro gráfico demonstra que uma pequena parte das pesquisas utiliza o termo Tecnologia Assistiva para se referir a gama de recursos e serviços de Tecnologia Assistiva que podem auxiliar os estudantes com deficiência visual e que grande parte utiliza ainda o termo tecnologias da informação, esse resultado pode ser atribuído ao fato de o termo Tecnologia Assistiva ser um termo novo, pouco utilizado e com poucas pesquisas, como observamos no gráfico abaixo.

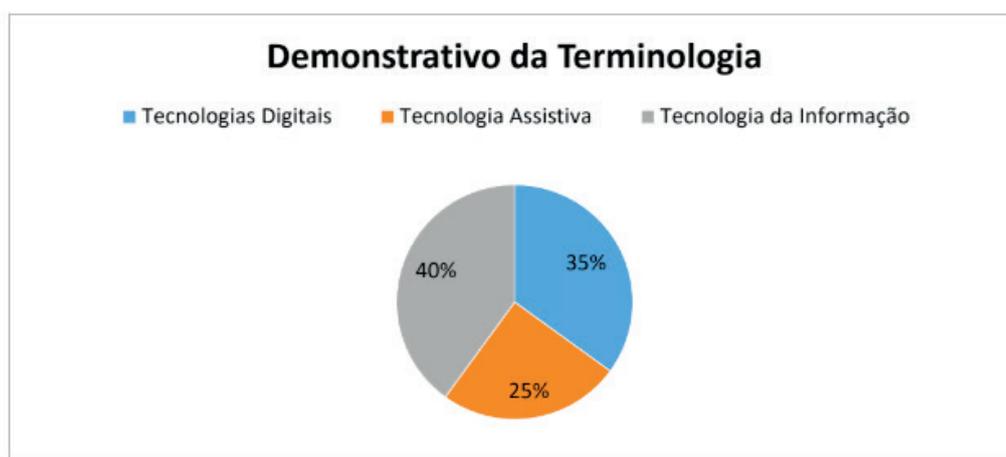


Gráfico 1 - Demonstrativo da Terminologia

Fonte: Dados da Pesquisadora (2020).

Em um segundo momento foram agrupadas algumas pesquisas sobre a Tecnologia Assistiva ligadas a outras especificidades de estudantes com deficiência assim como outras questões e áreas de estudo. Diante disso selecionamos 10 pesquisas que mais se aproximavam com a referida temática, em que foram evidenciadas a terminologia como Tecnologias Assistivas, assim como a intenção de promover aprendizagem por meio da Tecnologia Assistiva para estudantes com necessidades educacionais específicas, mas em nenhum deles se refere à Tecnologia Assistiva como metodologia do ensino, que é forte indício de que é possível realizar outras pesquisas que poderão indicar se a introdução de novas metodologias do ensino por meio da Tecnologia Assistiva podem colaborar com a

aprendizagem de estudantes com deficiência visual, ou ainda se é possível ou não utilizar a Tecnologia Assistiva como ferramenta de ensino e aprendizagem, como os professores devem utilizar essas ferramentas em sala de aula e como promover a inclusão e autonomia dos estudantes.

Título e Ano	Autor(es) e Instituição	Objetivo	Principais Resultados	Palavras-chave
<p>Tecnologia assistiva na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis para pessoas com deficiência visual: estudo de validação</p> <p>(2016)</p>	<p>Giselly Oseni Laurentino Barbosa</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ</p>	<p>Objetivou-se validar a tecnologia assistiva DST – para prevenir é preciso conhecer para pessoas com deficiência visual.</p>	<p>O processo de validação da tecnologia concluiu o percurso metodológico, e ela está validada. A TA apresenta coerência com os objetivos a que se propõe; respeita a acessibilidade de pessoas com deficiência visual; proporciona a compreensão da informação através de linguagem clara; possui estratégia de apresentação atrativa e coerente; e é capaz de desenvolver autonomia.</p>	<p>Doenças Sexualmente Transmissíveis; Equipamentos de autoajuda; Pessoas com deficiência visual; Promoção da saúde.</p>
<p>Tecnologia Assistiva e práticas de letramento no atendimento educacional especializado</p> <p>(2015)</p>	<p>Wanessa Ferreira Borges</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS</p>	<p>Compreender como vem se caracterizando as concepções e práticas, segundo relatos dos professores, quanto à Tecnologia Assistiva na promoção do acesso ao letramento dos alunos com deficiência no âmbito das salas de recursos multifuncionais e do centro de atendimento educacional especializado.</p>	<p>Os resultados demonstram que os recursos e serviços de tecnologia assistiva geralmente não têm sido usados e disponibilizados para fornecer acesso às práticas de leitura e escrita no âmbito do atendimento educacional especializado, e que existe uma formação ineficiente ao atendimento quanto aos recursos e serviços de Tecnologia Assistiva que possibilitam acesso às práticas de leitura e escrita. Constatase ainda que as práticas relatadas pelas professoras se aproximam mais de uma perspectiva de estratégia e recursos lúdicos, do que daquilo que se configura hoje como Tecnologia Assistiva.</p>	<p>Tecnologia Assistiva; Letramento; Atendimento Educacional Especializado.</p>

<p>Introdução de recursos da tecnologia assistiva em ambiente computacional no trabalho com alunos com paralisia cerebral</p> <p>(2013)</p>	<p>Luciana Lopes Damasceno</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p>	<p>Investigar o processo de introdução dos recursos da Tecnologia Assistiva no ambiente computacional para aluno com paralisia cerebral, buscando analisar os primeiros passos, as primeiras decisões, os conhecimentos e procedimentos necessários para esse início de uso da Tecnologia Assistiva com esses alunos.</p>	<p>Como resultado do estudo, foi percebida a importância do trabalho interdisciplinar, envolvendo a atuação de profissionais de diferentes áreas, numa avaliação cuidadosa quanto a questões posturais, adaptações de mobiliário e uso de órtese, além de adaptações de hardware e software especiais de acessibilidade.</p>	<p>Tecnologia Assistiva. Paralisia cerebral. Ambiente Computacional</p>
<p>Tradutor para língua brasileira de sinais: proposta de tecnologia assistiva para surdos como apoio ao aprendizado da língua portuguesa escrita</p> <p>(2016)</p>	<p>Ronaldo Fernandes Dos Santos</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE</p>	<p>O objetivo deste trabalho foi desenvolver e verificar de que maneira uma Tecnologia Assistiva poderá contribuir no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa pelos estudantes surdos.</p>	<p>Foi possível constatar um acréscimo significativo no número de vocabulários aprendidos sobre a temática escolhida. Assim, é possível dizer que uma Tecnologia Assistiva é capaz de contribuir para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa pelos surdos.</p>	<p>Tecnologia Assistiva; Surdos; Ensino e Aprendizagem; LIBRAS</p>
<p>Desenho universal e tecnologia assistiva: implementação de atividades pedagógicas para aluna com paralisia cerebral em classe comum</p> <p>(2017)</p>	<p>Rita De Cassia Gomes De Oliveira Almeida</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</p>	<p>Analisar a implementação de recursos de TA para uma aluna com paralisia cerebral na classe comum e seu uso em caráter universal.</p>	<p>Os resultados apontaram que os recursos de TA, nos moldes do desenho universal foram utilizados na classe comum e que, na opinião da professora e da agente educacional contribuíram para maior dinâmica na sala de aula e aprendizado para todos os alunos. Mas, vale ressaltar que para algumas atividades, principalmente as que envolviam leitura e escrita houve a necessidade de implementar recurso de TA específico para aluna com PC.</p>	<p>Educação Especial ;Desenho Universal; Tecnologia Assistiva; Paralisia Cerebral.</p>

<p>O atendimento educacional especializado para estudantes com deficiência auditiva/surdez: o uso das tecnologias assistivas</p> <p>(2017)</p>	<p>Franciele Cristina Da Silva</p> <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>	<p>Compreender como ocorre o uso das Tecnologias Assistivas no Atendimento Educacional Especializado de alunos com deficiência auditiva/surdez na rede pública de ensino estadual e municipal de Campo Grande/MS.</p>	<p>Como resultados, aponta-se que o uso da tecnologia assistiva contribui para a educação das pessoas com deficiência auditiva/surdez, entretanto, há ainda a necessidade de investimentos por parte dos órgãos governamentais na formação dos professores para que utilizem os recursos de Tecnologia Assistiva disponibilizados nas Salas de Recursos Multifuncionais.</p>	<p>Inclusão; Deficiência Auditiva/ Surdez; Tecnologia Assistiva</p>
<p>Recursos de tecnologia assistiva digital para pessoas com deficiência sensorial: uma análise na perspectiva educacional</p> <p>(2016)</p>	<p>Camila Dias De Oliveira</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</p>	<p>Identificar e caracterizar o papel e o uso de recursos de Tecnologia Assistiva Digital na educação de pessoas com deficiência sensorial.</p>	<p>Em relação aos resultados, podemos destacar alguns pontos: ainda que o tema foco desta investigação seja de grande importância para a educação de pessoas com deficiência, poucos são os estudos científicos que abordam esta temática; a maioria (91,30% - 21) das instituições especializadas nas deficiências visual ou auditiva utiliza recursos de Tecnologia Assistiva em suas atividades educacionais; o número de Tecnologias Assistivas Digitais que podem ser utilizadas na educação de pessoas com deficiência visual é muito maior se comparado à deficiência auditiva.</p>	<p>Tecnologia Assistiva Digital, deficiência visual, deficiência auditiva, educação.</p>
<p>Validação de tecnologia assistiva para a deficiente visual: utilização do preservativo feminino.</p> <p>(2013)</p>	<p>Luana Duarte Wanderley</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ</p>	<p>Objetivou-se validar a TA Construir para aprender a usar o preservativo feminino para mulheres deficientes visuais por meio do acesso a distância.</p>	<p>Conclui-se que o instrumento foi validado e tornou-se capaz de avaliar com precisão a TA. Esta, por sua vez, foi validada por dois tipos de especialistas e está adequada quanto aos objetivos, estrutura/apresentação e relevância. Acredita-se que a TA é um instrumento de promoção da saúde, válido e de baixo custo, que poderá auxiliar mulheres com deficiência visual a utilizar o preservativo feminino e, assim, evitar uma gravidez não desejada e o contágio com doenças sexualmente transmissíveis.</p>	<p>Pessoas com Deficiência Visual; Tecnologia; Saúde Sexual e Reprodutiva; Promoção da Saúde</p>

<p>Tecnologia assistiva: identificação de modelos e proposição de um método de implementação de recursos</p> <p>(2013)</p>	<p>Ana Cristina De Jesus Alves</p> <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</p>	<p>O objetivo desse estudo foi identificar e disponibilizar uma forma de implementação de recursos de tecnologia assistiva para uso no Brasil.</p>	<p>Os resultados mostraram que dentre 29 artigos selecionados, 17 modelos conceituais utilizados na área de T.A. foram encontrados, destes, 14 eram específicos de T.A.</p>	<p>Terapia ocupacional; Tecnologia assistiva</p>
<p>O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas como Tecnologia Assistiva na construção do conhecimento dos alunos com deficiência visual que frequentam as Salas de Recursos Multifuncionais</p> <p>(2015)</p>	<p>Jesse Pessoa da Silva</p> <p>UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA</p>	<p>Investigar a contribuição trazida pelo uso das tecnologias de informação e comunicação aplicadas como tecnologia assistiva na construção do conhecimento dos alunos com deficiência visual que frequentam a sala de recursos multifuncionais.</p> <p>ares de Oliveira.</p>	<p>Os resultados constataram que as duas instituições de ensino pesquisadas ainda estão construindo seu fazer pedagógico em relação ao uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação quando utilizadas na sala de recurso multifuncional como tecnologia assistiva. E que este caminho é pautado por dúvidas, incertezas e inquietações, trazendo novos desafios e perspectivas de mudança na compreensão dos processos de ensinar e aprender, mediados pelo uso das tecnologias de comunicação e informação especificamente à tecnologia assistiva.</p>	<p>Educação Especial , Deficiente Visual, Sala de Recursos Multifuncionais, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Tecnologia Assistiva</p>

Quadro 2 – Principais informações das produções selecionadas no Portal de Periódicos – Capes

Fonte: Organização pela autora a partir de dados disponíveis em: <http://www.periodicos.capes.gov.br> (2020).

As produções acima retratam a Tecnologia Assistiva em outras áreas de conhecimento assim como na educação especial de uma forma ampla não se referindo a Deficiência Visual especificamente. Evidenciamos a presença da Tecnologia Assistiva para pessoas com deficiência visual ligada a saúde em alguns trabalhos e achamos interessante também agrupar um deles no quadro acima. Dos trabalhos pesquisados ainda observamos que várias pesquisas relacionadas à Tecnologia Assistiva envolvem outras áreas do conhecimento como saúde, engenharia, matemática, química entre outras, assim como, envolvem outros tipos de patologias dentro do campo da educação especial, como deficiência auditiva, paralisia cerebral e ainda o atendimento educacional especializado, entretanto, constatamos que dentre as patologias pesquisadas a deficiência visual possui uma quantidade considerável de publicações em relação à deficiência auditiva em se tratando de Tecnologia Assistiva, assim como se comparadas com outros tipos de deficiência, como observamos no gráfico abaixo.

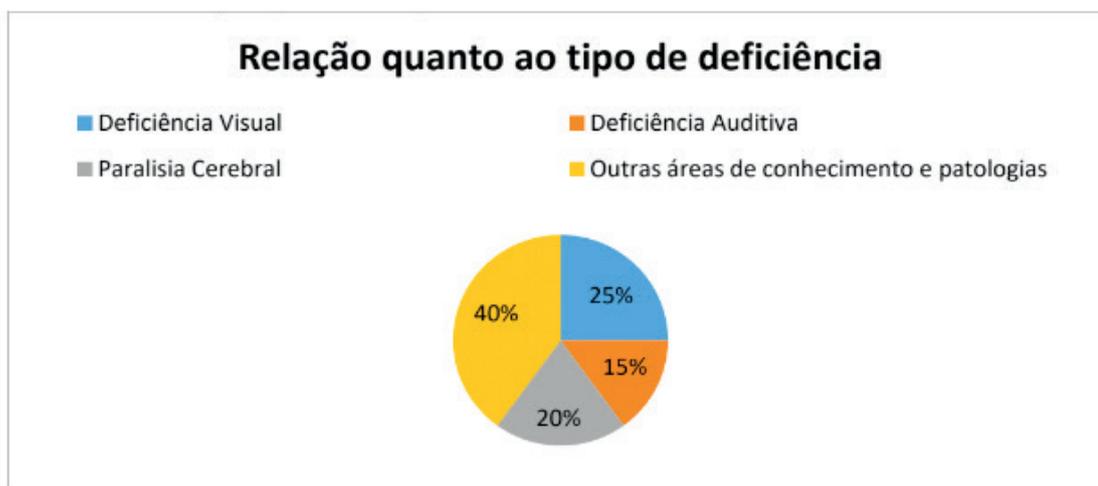


Gráfico 2 - Relação quanto ao tipo de deficiência

Fonte: Dados da Pesquisadora (2020).

Cada resumo foi analisado numa relação de dependência com o trabalho na íntegra considerou-se difícil ler somente o resumo e fazer a análise somente a partir dele. Assim, constatamos que esse ramo do conhecimento é frutífero e que existe a necessidade de novas pesquisas relacionadas ao mesmo, pois a inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas na Educação Básica regular é uma realidade, que tende a crescer. É adequado que todos os envolvidos no processo de inclusão estejam preparados para melhor atender as necessidades específicas dos estudantes com deficiência visual. O levantamento aponta ainda para a incidência dos termos Tecnologias Assistivas, Tecnologias Digitais, Recursos Acessíveis, dentre outros termos que se enquadram como sendo Tecnologia Assistiva, assim como a Tecnologia Assistiva na produção de outras áreas do conhecimento que não estão relacionadas à educação.

Sabemos que a falta de acessibilidade dificulta o convívio, e chega até a impossibilitar a convivência social, aumentando o nível de exclusão. E é a partir desses problemas e da própria conscientização de diversas pessoas que podemos dizer que a acessibilidade junto com as tecnologias facilitam e derrubam as barreiras que as pessoas deficientes possuem. Hoje, não só o deficiente visual, mas qualquer pessoa que tenha alguma deficiência possui mais chances de ter uma vida normal, concorrer a uma vaga no mercado de trabalho ou em escolas e tudo isto pelos recursos que o mundo e suas novas tecnologias oferecem. A escola deve ser o fio condutor desse processo durante as formações continuadas e pedagógicas, para que os alunos com necessidades especiais venham desfrutar de uma aprendizagem de qualidade no âmbito educacional.

A ampliação da formação do professor se faz necessária, com a finalidade de proporcionar o atendimento dos alunos com Deficiência Visual e baixa visão, a fim de ampliar suas potencialidades e enriquecer suas práticas pedagógicas. O atendimento educacional ofertado aos estudantes com Deficiência Visual tem tido grandes avanços, entretanto os serviços educacionais ainda se encontram distantes de promover a real

inclusão do aluno Deficiente Visual com qualidade e equidade. É urgente o fortalecimento de políticas públicas consistentes e sistemáticas que favoreçam uma maior agilidade e eficácia no processo de apropriação e uso da Tecnologia Assistiva, assim como produção tanto de recursos, serviços e conhecimento e a disseminação necessária para a inclusão escolar de alunos com deficiência, favorecedora de práticas educacionais e escolares mais inclusivas e compatíveis com as necessidades da sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas denominadas Estado da Arte surgem para auxiliar no levantamento de dados de pesquisas principalmente na área da educação, pois possibilita não somente uma amostragem geral de uma determinada temática, mas situá-la em determinado contexto. Cada resumo foi e analisado numa relação de dependência com o trabalho na íntegra considerou-se difícil ler somente o resumo e fazer a análise somente a partir dele. A revisão bibliográfica procurou levantar produções que relacionassem a Tecnologia Assistiva para estudantes com Deficiência Visual, verificando os principais objetivos, metodologias e resultados.

Quanto à deficiência pesquisada, o levantamento, de forma geral, indica maior quantidade de produções em torno do público-alvo da educação especial em si e discussões em torno da inclusão, no entanto, constatamos que a deficiência visual possui uma quantidade considerável de publicações em relação a deficiência auditiva em se tratando de Tecnologia Assistiva. O levantamento aponta ainda para a incidência dos termos Tecnologias Assistivas, tecnologias digitais, recursos acessíveis, dentre outros termos que se enquadram como sendo Tecnologia Assistiva, assim como a Tecnologia Assistiva na produção de outras áreas do conhecimento que não estão relacionadas à educação.

Ficou evidente a ausência de materiais adaptados nas aulas para o ensino de alunos com deficiência visual, pouca articulação entre os professores da sala comum com o serviço de atendimento educacional especializado, pouca discussão sobre a cegueira no espaço escolar e a presença de atividades aleatórias sem a real inclusão de quanto ouvimos falar atualmente. O aluno cego, por não ter acesso aos recursos e à mediação verbal adequada, não se apropria dos conhecimentos em igualdade. Apesar de se discutir tanto sobre uma escola para todos, parece ainda não existir na organização da escola e dos que nela atuam, articulação coletiva tanto prática quanto teórica para se pensar a educação comum com a educação do aluno especial.

Dessa maneira, findamos esse artigo do estado da arte da Tecnologia Assistiva para estudantes com Deficiência Visual, com a certeza de que esse ramo do conhecimento é frutífero e que existe a necessidade de novas pesquisas relacionadas ao mesmo, pois a

inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas na Educação Básica regular é uma realidade, que tende a crescer. É adequado que todos os envolvidos no processo de inclusão estejam preparados para melhor atender as necessidades específicas dos estudantes com deficiência visual.

Assim, esta pesquisa evidencia um campo escasso em Tecnologia Assistiva tanto da definição do termo, como conhecimento e aplicabilidade metodológica na escola com estudantes com deficiência visual, é preciso disseminar o conhecimento sobre a Tecnologia Assistiva para estudantes com deficiência visual de forma que tanto alunos como professores se beneficiem dela no ensino e na aprendizagem com a incorporação de novas metodologias de ensino que poderão contribuir para a construção de uma escola inclusiva em que todos sejam contemplados em igualdade de acesso ao currículo.

REFERÊNCIAS

AMPUDIA, Ricardo. O que é Deficiência Visual. Revista Nova Escola 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/270/deficiencia-visual-inclusao>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: Cortez, 2017.

BERSCH, Rita; SARTORETTO, Maria Lúcia. **Tecnologia e Educação**. 2017. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

BERSH, Rita; TONOLLI, José Carlos. **Introdução ao Conceito de Tecnologia Assistiva e Modelos de Abordagem da Deficiência 2015**. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/tecnologia-assistiva>. Acesso em: 08 de maio de 2018.

BORGES, J. A. **Impactos das tecnologias de informação sobre os Deficientes Visuais em Políticas Públicas, Educação, Tecnologia e Pessoas com Deficiências**. Ed. Mercado das Letras (ABL): São Paulo, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em 10 setembro de 2018.

BRASIL, SCIENTIFIC AMERICAN. **Mente e Cérebro**. Editora Segmento Vol. 5 16/04/2016. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/cinco_aplicativos_inovadores_para_cegos.html. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 44. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. **Portaria nº 3.284, de 7 de novembro de 2003**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port3284.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2018.

BRASIL, INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Tecnologia Assistiva nas Escolas: Recursos Básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência, 2007**. Disponível em: http://www.ufff.br/acesibilidade/files/2009/07/Cartilha_Tecnologia_Assistiva_nas_escolas_-_Recursos_basicos_de_acesibilidade_socio-digital_para_pessoal_com_deficiencia.pdf. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

COSTA, Renata. **Como funciona o Sistema Braille**. Revista Nova Escola março de 2009. Disponível em:

<http://novaescola.org.br/conteudo/397/como-funciona-sistema-braille>. Acesso em: 08 de maio de 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 9, ago/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em: 21 out. 2018.

GASPARETTO, M. E. R. F. **Percepções de escolares com deficiência visual em relação ao seu processo de escolarização**. Ribeirão Preto: Paidéia, 2009.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios: Resultados do universo**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/118>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. São Paulo: SEDPcD, 2017. Disponível em: http://www.who.int/sdhconference/discussion_paper/Discussion_Paper_PT.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MARQUES, Lydia da Cruz; MENDES, Enicéia Gonçalves. **O aluno com Deficiência Visual Cortical: teoria e prática**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MENDES, E. G. **Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil**. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. *Escola Inclusiva*. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

RINCKER, Geovane. **Tecnologia Assistiva para Cegos 2010**. Disponível em: <http://estudoeaprendizagem.blogspot.com.br/2010/12/tecnologia-assistiva-para-cegos.html?m=1>. Acesso em: 28 setembro 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n.19, set./dez. 2006, p.37-50.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2015.

SOBRE OS ORGANIZADORES

OTAINAN DA SILVA MATOS - Mestre em Educação - Gestão do Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Pós-graduado em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Administração Ciências, Educação e Letras - FACEL (2018). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão - IESMA (2013), Graduando em Pedagogia pela Universidade de Santo Amaro - UNISA. Tem experiência na área de Filosofia com ênfase em Filosofia para Crianças, Filosofia Moderna, Filosofia da Educação, Filosofia da Linguagem, Formação de professor, Gestão de Ensino. É membro do Grupo de Estudos Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID) da Universidade Federal do Maranhão.

JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA - Graduado em Letras - Português/Inglês e Literaturas brasileira, portuguesa e inglesa (2013) pela Universidade Federal do Maranhão. Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal do Maranhão (2015) e em Metodologias Ativas e Aprendizagem Exponencial pelo Centro Universitário Dom Bosco - UNDB (2018). Tem experiência na área de docência, especificamente, como professor no ensino básico de Línguas materna, estrangeira e literaturas de língua portuguesa e brasileira. Na área literária estuda e pesquisa sobre as relações entre Literatura e Cinema, Literatura Fantástica e Ficção Especulativa Outras áreas em que atua: Análise Literária; Crítica Literária; História da Literatura; Leitura e Produção de Textos; Língua Portuguesa. EDUCAÇÃO: Leitura e Produção textual; Elaboração de Projetos Educacionais com base em metodologias ativas e aprendizagem exponencial para a educação básica. É integrante do grupo de pesquisa FICÇA ? Ficção Científica, Gêneros Pós-Modernos e Representações Artísticas na Era Digital, na Universidade Federal do Maranhão. Atualmente professor de Língua Portuguesa na rede pública e privada de São Luís - MA. E-mail: thonymoraes@hotmail.com

CLEIA SILVA PINTO COSTA - Mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica, pelo PPGEEB/UFMA. Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (2003) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2005). Desde 2016 é integrante o Grupo de Pesquisa Ensino de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais - GruPELPAI vinculado ao Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB da Universidade Federal do Maranhão.

ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUZA - Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Psicopedagoga. Graduada em Pedagogia. Professora do Ensino Fundamental I. Atuou como coordenadora no Ensino Fundamental. Tem experiência na área de Educação, com foco em Alfabetização e Letramento. Pesquisadora com ênfase em Leitura, Escrita e Letramento. Membro do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e das Práticas Leitoras no Maranhão (NEDHEL).

ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM - Graduada em Pedagogia (2003) e em Serviço Social (1992) pela Universidade Federal do Maranhão. Especialização em Administração e Supervisão Escolar pela Faculdades Integradas de Amparo. Mestre em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB/

UFMA. Experiência com ênfase em gestão, supervisão e orientação educacional e nas temáticas de Educação em Direitos Humanos, Relações Étnico Raciais, Diversidades, Gêneros e Sexualidades. Atuou no Conselho Estadual de Direitos humanos do Maranhão, no Conselho Estadual da Política de Igualdade Étnico-Racial CEIRMA, Conselho Estadual da Mulher - CEM MA e no Conselho Estadual dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CEDLGBT). Ex membro do Grupo de Trabalho Interinstitucional de combate ao feminicídio do Estado do Maranhão. Foi superintendente de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres na Secretaria de Estado da Mulher do Maranhão. Acredito na educação inclusiva que assuma a diversidade pautada nas diferenças e que estas diferenças não fundamentem as desigualdades, que considere os sujeitos plurais, que valorize e respeite as especificidades que cada pessoa traz em sua construção sócio histórica e cultural, visando assim, uma sociedade justa, igual, laica, democrática e cidadã.

AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

